

# *Sentidos e sujeitos:*

Elementos que dão consistência  
à história 3



João Henrique Lúcio de Souza  
(Organizador)

# *Sentidos e sujeitos:*

Elementos que dão consistência  
à história 3



João Henrique Lúcio de Souza  
(Organizador)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** João Henrique Lúcio de Souza

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
S478	<p>Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 3 / Organizador João Henrique Lúcio de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF                      Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader                      Modo de acesso: World Wide Web                      Inclui bibliografia                      ISBN 978-65-258-0978-6                      DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.786230901">https://doi.org/10.22533/at.ed.786230901</a></p> <p>1. História. I. Souza, João Henrique Lúcio de (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 901</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A produção coletiva “Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência a História” em seu terceiro volume guarda expressiva relação com o contexto social em que foi produzida. Em seu ofício, os pesquisadores das humanidades dialogam com o tempo em que vivem marcados por desafios, problemas e esperanças. A partir de suas vivências e experiências (do ponto de vista benjaminiano), desvendam os labirintos das explicações científicas, edificando conhecimento por meio da interação dialógica entre as demandas do presente e as tradições teóricas dos vários campos das humanidades. Essa obra traz pesquisas que dão sentidos a sujeitos que são objetos de investigação e que estão ‘sujeitos’ a novos sentidos e olhares a partir da representação do leitor. Nossos colegas pesquisadores que fazem essa obra se debruçaram sobre as vivências humanas (sobre suas próprias experiências) em diversos tempos e lugares, se empenhando em analisar, entender e decifrar as atribuições dos sujeitos como produtores de sentidos, representações, pontes, frisuras, transformações, encontros e conflitos, que caracterizam a convivência humana.

Pegando emprestada uma citação do famoso historiador francês Roger Chartier, quando o mesmo conceitua a palavra “representação” e enfoca sua importância para a história cultural, podemos dizer que essa obra “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, pp. 16-17). Chartier (1990) nos leva a refletir sobre representações que podem edificar discursos que, envolvidos com os sujeitos, geram entendimentos das realidades e produzem sentidos. Ao mesmo tempo em que, ao edificar sentidos, as representações descortinam concepções de mundo e “falam” tanto de quem as representa quanto daquilo que é representado. Isso se aplica a todos os discursos, incluindo o discurso aqui apresentados.

Dessa forma, no primeiro capítulo “CONSTRUÇÕES, CAMINHOS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E A ESCOLA”, o pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco, João Henrique Lúcio de Souza, a partir do seu testemunho de vida, faz uma contextualização, um relato autobiográfico, a partir de teóricos que caracterizam cada fase de sua vida escolar. No segundo capítulo ““A ESCOLA QUE EU ESTUDEI NÃO É A MESMA QUE MEUS FILHOS ESTUDAM”: A ESCOLA PÚBLICA BÁSICA ATRAVÉS DAS RECORDAÇÕES E IMPRESSÕES DE PAIS E MÃES”, as pesquisadoras da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) Maria Antônia Veiga Adrião e Gizele Lima dos Santos resgatam as recordações e impressões de pais, mães e avós (1980-2010) a fim de entender a razão do distanciamento entre escola e progenitores em escolas públicas situadas na zona noroeste do Ceará.

Já no artigo “CRIANÇAS DESCONFINADAS: PROCESSOS, CONTEXTOS



E NARRATIVAS”, Sandra Alves Moura de Jesus e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, pesquisadoras da Universidade Católica do Salvador, se propõem a entender o processo de desconfinamento e retorno ao ensino presencial das crianças da educação infantil e do ensino fundamental/anos iniciais em escolas públicas e privadas de Salvador/BA, bem como o que ficou de aprendizagem dessa experiência do ensino remoto e/ou híbrido na percepção da família e da escola. A pesquisadora Natália Martins Besagio, pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá, com o artigo “A “MÚSICA DO DIABO”: O BLUES COMO EXPRESSÃO DA CULTURA FEMININA AFRO-AMERICANA”, evidencia a música como viés de luta para as mulheres negras, que deixaram um amplo legado à cultura norte-americana, quebraram os tabus da desigualdade de gênero a partir do famoso gênero musical norte-americano *blues*.

No quinto capítulo, o artigo a “LOUCURA DO PODER OU O ABSURDO DA VIOLÊNCIA NO ESTADO? UM ENSAIO SOBRE TEMPO PRESENTE”, o pesquisador Antonio Carlos da Silva da Universidade Católica de Salvador faz uma reconstituição histórica, tomando o Brasil como exemplo, com uma larga discussão teórica para mostrar que nosso país, apesar de gigante, se encontra adormecida no estado de presente contínuo. No sexto capítulo intitulado “DEFUNTOS PERFUMADOS: RAÍZES DO EMBALSAMAMENTO NA IDADE MÉDIA EUROPEIA” de coautoria dos pesquisadores Eduardo Mangolim Brandani da Silva, Eloara dos Santos Cotrim e Christian Fausto Moraes dos Santos da Universidade Estadual de Maringá, vemos desdobramentos das possíveis origens da prática do embalsamamento como herança cultural da Civilização romana, do cristianismo primitivo e dos povos bárbaros. Para os autores o embalsamamento medieval é uma espécie de continuidade da metodologia cristã.

Por fim, no sétimo e último capítulo, “A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865)” do pesquisador da Universidade Federal do Rio grande do Sul, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, que, a partir do romance “Netto Perde Sua Alma” de Tabajara Ruas, procura os significados sobre as fronteiras do caudilhismo e as guerras, especialmente a Guerra dos Farrapos.








Bem, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões, e, que essa produção, com seus objetos e objetivos, seja também um objeto a ser estudado, analisado e criticado.

Boa leitura e reflexões!

João Henrique Lúcio de Souza

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
CONSTRUÇÕES, CAMINHOS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E A ESCOLA	
João Henrique Lúcio de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309011">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309011</a>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>12</b>
“A ESCOLA QUE EU ESTUDEI NÃO É A MESMA QUE MEUS FILHOS ESTUDAM”: A ESCOLA PÚBLICA BÁSICA ATRAVÉS DAS RECORDAÇÕES E IMPRESSÕES DE PAIS E MÃES	
Maria Antonia Veiga Adrião	
Gizele Lima Dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309012">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309012</a>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>24</b>
CRIANÇAS DESCONFINADAS: PROCESSOS, CONTEXTOS E NARRATIVAS	
Sandra Alves Moura de Jesus	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309013">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309013</a>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>38</b>
A “MÚSICA DO DIABO”: O BLUES COMO EXPRESSÃO DA CULTURA FEMININA AFRO-AMERICANA	
Natália Martins Besagio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309014">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309014</a>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>46</b>
LOUCURA DO PODER OU O ABSURDO DA VIOLÊNCIA NO ESTADO? UM ENSAIO SOBRE TEMPO PRESENTE	
Antonio Carlos da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309015">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309015</a>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>62</b>
DEFUNTOS PERFUMADOS: RAÍZES DO EMBALSAMAMENTO NA IDADE MÉDIA EUROPEIA	
Eduardo Mangolim Brandani da Silva	
Christian Fausto Moraes dos Santos	
Eloara dos Santos Cotrim	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309016">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309016</a>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>76</b>
A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865)	
Cesar Augusto Barcellos Guazzelli	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309017">https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309017</a>	

<b>SOBRE O ORGANIZADOR .....</b>	<b>87</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>88</b>

# A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865)

*Data de aceite: 02/01/2023*

**Cesar Augusto Barcellos Guazzelli**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

**RESUMO:** No romance de Tabajara Ruas “Netto Perde Sua Alma” de Tabajara Ruas, procuro alguns significados que ficção cria sobre as fronteiras, o caudilhismo e as guerras na estremadura sulina do Império. Mais que isto, entender um pouco mais como a chamada Guerra dos Farrapos e seus protagonistas ainda constroem um mito de origem importante para a formação de uma identidade regional-provincial ainda muito forte no Rio Grande do Sul. Se o livro inspirou um filme que lhe foi muito fidedigno, este por sua vez multiplicou a obra de Ruas, tornando Netto o nome mais empático dentre os chefes Farrapos. Neste sentido, a Literatura e o Cinema rio-grandenses cumpriram um papel fundamental atingindo um público-alvo relevante, incrementando muito a divulgação das ideias do autor, tornando o texto canônico em relação ao Rio Grande em tempos de guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caudilhos – Fronteira – Guerra – História e Ficção.

**ABSTRACT:** In the Ruas novel “Netto Perde Sua Alma” of Tabajara Ruas, I look for some meanings that fiction creates about frontiers, landlord’s power and wars in the extreme south of the Empire. More than that, to understand a little more how the called Rags War and its protagonists still build an important origin myth for the formation of a regional-provincial identity still very strong in Rio Grande do Sul. If the book inspired a film that was very trustworthy, this in turn multiplied Ruas’ work, making Netto the most empathetic name among the Rags’s chiefs. In this sense, Literature and Cinema from Rio Grande do Sul played a fundamental role in reaching a relevant target audience, greatly increasing the dissemination of the author’s ideas, making the text canonical in relation to Rio Grande in times of war.

**KEYWORDS:** Landlords – Frontier – War – History and Fiction.

## 1 | INTRODUÇÃO. NETTO E RUAS: ATOS, FATOS E FICÇÕES

O caudilho Antônio de Souza Netto foi um importante “senhor da guerra”: uso esta expressão para denominar os comandantes de armas do Rio Grande do

Sul, que faziam das guerras fronteiriças uma forma de atender seus anseios econômicos e políticos. Como tal, foi um ator protagonista nos principais conflitos do Século XIX na estremadura. Apoiando desde o início os revoltosos na Guerra dos Farrapos, proclamou a República Rio-Grandense em 11 de setembro de 1836. Destacou-se como um dos seis generais farroupilhas ao longo de toda rebelião, e exilou-se no Estado Oriental do Uruguai logo após a pacificação da Guerra dos Farrapos em fevereiro de 1845. Grande proprietário de terras, gados e escravos, muitas vezes esteve à frente de reivindicações de estancieiros rio-grandenses no Estado Oriental, quase invariavelmente contra governantes do *Partido Blanco*. Teve ativa participação junto ao exército formado do Império do Brasil que fez parte da coalisão com os *colorados* orientais de Rivera e dos seguidores do governador Urquiza de Entre Rios, nas campanhas que derrotaram sucessivamente os *blancos* do de Oribe em 1851, e Rosas – governador de Buenos Aires e representante da Confederação Argentina para assuntos externos – maior liderança do *Partido Federal* desde 1832. Em 1863, apoiou a insurgência do chefe *colorado* Venancio Flores contra o presidente Berro, do *Partido Blanco*. Neste conflito envolveu as forças do Império do Brasil, provocando uma enérgica reação do Paraguai, que seria uma das desencadeantes da Guerra da Tríplice Aliança. Organizou um regimento de cavalaria sob seu comando para lutar no grande conflito, falecendo em Corrientes em julho de 1866.

O escritor rio-grandense Tabajara Ruas no romance “Os Varões Assinalados”, sobre a Guerra dos Farrapos, editado em 1985, já havia abordado aspectos de Netto como personagem destacada do livro (RUAS, 1995). No texto em tela, tratarei especificamente de uma obra em que o autor se aprofunda na trajetória da referida personagem publicando em 1995 o romance “Netto Perde Sua Alma” (RUAS, 1998). Só em 2001 foi lançado o filme homônimo, com roteiro do próprio autor, que também compartilhou sua direção, o que tornou a narrativa cinematográfica muito fiel ao livro (NETTO, 2001).

Procuo no romance alguns significados que ficção cria sobre as fronteiras, o caudilhismo e as guerras na estremadura sulina do Império. Mais que isto, entender um pouco mais como a Guerra dos Farrapos e seus protagonistas ainda constroem um mito de origem importante para a formação de uma identidade regional-provincial ainda muito forte no Rio Grande do Sul. Se o livro inspirou um filme que lhe foi muito fidedigno, este por sua vez multiplicou a obra de Ruas, tornando Netto o nome mais empático dentre os chefes farroupilhas. Neste sentido, a Literatura e o Cinema rio-grandenses cumpriram um papel fundamental atingindo um público-alvo relevante, incrementando muito a divulgação das ideias do autor, tornando o texto canônico em relação ao Rio Grande em tempos de guerra.

Divido o texto em três partes: uma digressão sobre a trajetória de Antônio de Souza Netto, a análise do livro de Tabajara Ruas, e considerações sobre a apropriação literária da história do caudilho. Ao final de tudo deixei como adendo o texto da Proclamação da República Rio-Grandense, afinal o feito mais conhecido do caudilho.

## 2 | AS ANDANÇAS DO GINETE (OU “FATOS REAIS QUE ACONTECERAM”)

Faço aqui uma brevíssima biografia do caudilho Antônio de Souza Netto. Filho de estancieiros, Netto nasceu no Povo Novo, município de Rio Grande, em data indefinida: de acordo com Othelo Rosa, seria em 11 de fevereiro de 1801 (1935, p. 37); já Carlos Urbim escreveu que o registro do batismo aponta 25 de maio de 1803 (1974, p. 74). Também o sobrenome dele traz dúvidas: Netto – ou Neto – não era agnome, mas um nome familiar adotado por seu pai, Francisco. No prefácio ao romance em tela, o jornalista Elmar Bones esclarece que no registro de batismo o aparece “Neto”, mas o caudilho assinava sempre “Netto” (RUAS, 1998, p. 21). Nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul aparece a grafia “Neto” no volume 12 (1998) e “Netto” no volume 13 (2004). Nesse texto respeito a escolha de Ruas por “Netto”.

Criou-se nos campos da família em Bagé, onde tornou-se muito hábil nas lidas campeiras, sendo reconhecido como emérito cavaleiro (DUMAS, 1998, p. 68). Seus estudos foram aqueles fundamentais disponíveis nos tempos de antanho, suficientes para lidar com os negócios do campo e para a carreira militar nas milícias. Ao final da Guerra da Cisplatina, em 1828, já era Capitão de Segunda Linha, posto que manteve quando se criaram as Guardas Nacionais. Quando se desencadeou a Guerra dos Farrapos, Netto tinha a patente de Coronel de Legião em Bagé, e foi dos primeiros seguidores de Bento Gonçalves.

Nos primeiros movimentos a Guerra dos Farrapos manteve-se sempre próximo à divisa com o Estado Oriental do Uruguai, invariavelmente em perseguição ao coronel legalista João Silva Tavares, cuja família também possuía campos em Bagé e no país limítrofe. A rivalidade entre os dois foi marcante na primeira fase da Guerra dos Farrapos. Em 1836 Netto derrotou Silva Tavares no famoso combate do arroio Seival, no Campo dos Menezes, próximo a Bagé. No dia seguinte, 11 de setembro, sob influência dos republicanos mais exaltados – Manoel Lucas de Oliveira, em especial – proclamou a República Rio-Grandense.

O episódio foi controvertido: Bento Gonçalves não era republicano; acochado que estava pelo legalista Bento Manoel Ribeiro, aceitou a proclamação como fato consumado. Derrotado na batalha do Fanfa em 4 de outubro do mesmo ano, permaneceria prisioneiro do Império até dezembro de 1837, quando fugiu e retornou ao Rio Grande. Mesmo ausente, foi eleito presidente da república proclamada por Netto. Também havia indícios de que a proclamação tivesse seguido sugestões do presidente uruguaio Manuel de Oribe como condição para prestar auxílio aos rebeldes; ao que parece, diversos orientais faziam parte da brigada de Netto no combate do Seival (GUAZZELLI, 2013, p. 115-126).

Foi feito general, após a morte de João Manoel de Lima e Silva. Esta promoção tinha muita importância: a República Rio-Grandense aboliu todas as patentes militares mais elevadas que existiam nos exércitos do Império de Brasil, mantendo apenas a de

general. Somente seis republicanos alcançaram este posto: João Manoel de Lima e Silva, Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Netto, Bento Manoel Ribeiro (no período em que aderiu à República Rio-Grandense), David Canabarro e João Antônio da Silveira.

Netto tornou-se Comandante em Chefe das armas rebeldes até o retorno de Bento Gonçalves. Pouco adepto de formalidades marciais, Netto teria usado sempre poncho e chapéu campeiros. Sua única imagem é *Retrato de Antônio de Souza Neto*, uma pintura do século XIX de autoria de Azevedo Dutra: nela o general aparece como um homem maduro – portanto muitos anos depois da Guerra dos Farrapos – usando um dólmã e quepe militares azuis, como eram usuais no exército brasileiro.

Afamado como ginete e exímio conhecedor de cavalos, era um dos oficiais mais preocupados com a remonta do exército farroupilha, cuja cavalaria foi a razão mais alta para as dificuldades dos legalistas em vencerem a rebelião. Paradoxalmente, estas qualidades não impediram que, mais tarde, o general Netto fosse responsabilizado pelos companheiros de armas por não ter impedido que seis mil cavalos comprados na Argentina fossem capturados pelos legalistas.

Foi um dos mentores do famoso Regimento de Lanceiros Negros, formado por escravos libertos sob o comando direto de Joaquim Teixeira Nunes, o *Gavião*, considerado o maior lanceiro do seu tempo. Nas guerras civis do Rio da Prata isso não era tão raro, mesmo que os negros libertos ainda fossem utilizados principalmente na infantaria. Esta conduta em relação aos libertos que da cavalaria republicana não significava uma postura abolicionista. Netto era proprietário de escravos em suas estâncias no Rio Grande do Sul e no Uruguai. Nunca aceitou tratativas de paz com o Império; após a assinatura do convênio de Ponche Verde que reincorporou os sublevados ao Império, Netto retirou-se para o Estado Oriental, estabelecendo-se na estância de *Piedra Sola*, a norte de *Paysandu*.

No Uruguai, desde 1843 estava em curso a *Guerra Grande*: de um lado os *blancos* com seu líder Manuel Oribe, que associava ao seu exército soldados do *Partido Federal* argentino enviados por seu aliado Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires; de outro, os *colorados* do Presidente Fructuoso Rivera, apoiado pelos *unitarios* exilados da Confederação Argentina, sitiados em Montevideú. As escaramuças nos campos uruguaioir perturbavam os estancieiros rio-grandenses de ambos os lados da fronteira, motivando represálias de Netto no Estado Oriental contra os *blancos* a alegados confiscos de gados e de escravos.

Em 1851, quando Urquiza, governador de Entre Rios moveu guerra contra seu antigo aliado Rosas e invadiu o Uruguai para atacar Oribe, além do apoio dos *colorados* contou com a intervenção do Império do Brasil a seu lado, e Netto formou a Brigada de Voluntários Rio-Grandenses. Sua participação na vitória contra Oribe em 1851 e contra Rosas em 1852 foi contemplada com a promoção dos seus comandados à Primeira Linha, como Brigada de Cavalaria Ligeira, e para Netto o título de Brigadeiro Honorário do exército brasileiro.

Em 1859 estavam novamente os *blancos* no poder do Estado Oriental, e Netto dirigiu

queixas ao Império como “representante” dos brasileiros – vale dizer, dos estancieiros rio-grandenses – que viviam no Uruguai, sempre referindo intervenções governamentais descabidas em suas propriedades. Dois anos depois, o já quase sexagenário general, até então celibatário, casou-se com a uruguaia Maria Escayola, filha de estancieiros de *Paysandu*, com quem teve duas filhas.

Corria o ano de 1864 quando Netto, a frente de diversos conterrâneos, apoiou as forças do *colorado* Venancio Flores, que iniciara no ano anterior uma nova campanha militar contra o governo *blanco* do Presidente Bernardo Berro e de seu sucessor Anastasio Aguirre. Os pedidos de Netto tiveram eco, e o Império do Brasil apoiou os *colorados*, assim como o Presidente Bartolomé Mitrem da Argentina. Esta dupla intromissão das duas maiores potências sul-americanas nos assuntos uruguaios foi considerada uma agressão pelo Paraguai de Solano Lopez, constituindo-se em um dos estopins do maior confronto militar na América do Sul. A República Oriental do Uruguai, o Império do Brasil e a República Argentina a assinaram em 1.º de maio de 1865 o Tratado da Tríplice Aliança, desfechando a guerra que levou o mesmo nome contra o Paraguai.

Nos primeiros movimentos, os paraguaios invadiram a província de Corrientes e atacaram o território fronteiro do Rio Grande do Sul, ocupando São Borja, Itaqui e Uruguiana. Em fevereiro de 1865 Netto regressou do Uruguai no comando da sua Brigada de Cavalaria Ligeira para combater os paraguaios cercados em Uruguiana, levando a antiga bandeira da República Rio-Grandense junto com a do Império. Sob as ordens de Manoel Luiz Osório bateu-se nas batalhas de *Estero Bellaco* e de *Tuyuti*, em maio de 1866. Devido à malária adquirida nos terrenos pantanosos do Paraguai, veio a falecer no Hospital de Sangue de Corrientes em 1.º de julho do mesmo ano.

### 3 | AS LIDES DO ESCRITOR (OU “O QUE DIZEM AS OBRAS DE FICÇÃO”)

Os capítulos do livro “Netto Perde Sua Alma” abordam a vida do caudilho em diversos tempos. “Corrientes” inicia a trama a partir dos últimos dias de Netto no hospital de Corrientes, julho de 1866; “Reunião no Morro da Fortaleza”, faz um longo *flashback* até abril de 1840, quando a República Rio-Grandense já enfrentava sérias dificuldades; cederam o confronto com os legalistas no Campo dos Menezes; “Dorsal das Encantadas” recua o tempo da narrativa a setembro de 1836, quando Netto proclamou a República nos campos do Seival; segue-se “O Último Verão do Continente”, transportando a ação para março de 1845, logo após o armistício; “Piedra Sola” mostra a vida de Netto no Estado Oriental em junho de 1861, com destaque para seu encontro e romance com sua futura esposa Maria Escayola; o capítulo final também se intitula “Corrientes” e retoma as horas finais do general em 1866 no hospital de sangue. Acorando-se nesses distintos momentos da vida do general, a reconstrução dos seus atos e da sua personalidade ganha verossimilhança, e o herói se destaca na saga dos campos rio-grandenses, marcadas pelos muitos anos de



guerras.

Antecedendo o primeiro capítulo, duas páginas descrevem uma cena digna de contos de mistério, com três mortos encontrados no início do dia pela enfermeira de um hospital: o tenente-coronel cirurgião, o francês Philippe Fontainebleux, o major argentino Ramirez e o general Souza Netto. O capítulo I, “Corrientes” é datado de 1.º de julho de 1866. Netto foi hospitalizado em Corrientes devido a ferimento recebido no combate de *Tuyuti*. Ele está atento ao atendimento que recebem oficiais argentinos também feridos, muito pesaroso com o infeliz capitão De los Santos, vítima do sádico cirurgião Fontainebleux que, no entanto, dá tratamento diferenciado ao cruel major Ramirez. Das suas lembranças recentes há um diálogo com Osório, na véspera da batalha de *Tuyuti*, onde rememoram chefes rio-grandenses que haviam morrido; ao fim dessa conversa, um isolado barqueiro fez Netto lembrar o mitológico Caron, que conduzia os mortos ao Hades. Além desta referência inusitada à mitologia grega, decorre daí uma improvável recitação em italiano do Canto III do “Inferno”, da *Divina Comédia* de Dante, livro que Netto teria recebido de Garibaldi e lido no original, com a oportuna glosa de Osório, também na mesma língua. Com toda a consideração que as liberdades poéticas devem receber nas obras ficcionais, o trecho parece muito improvável: Netto e Osório tiveram estudos muito irregulares que os permitissem conhecer literatura estrangeira com tanta fluência.

O final do capítulo traz a visita do sargento Caldeira, um negro que o acompanhou desde Guerra dos Farrapos. Caldeira é portador de carta do antigo ministro republicano Domingos José de Almeida, que transcreve trechos de uma missiva de Garibaldi, na qual o italiano alardeava as qualidades dos comandantes rio-grandenses, especialmente Netto. A macabra amputação das pernas do capitão De los Santos pelo sinistro médico traz muita indignação a Netto, e ele conspira com Caldeira seu assassinato.

“Reunião no Morro da Fortaleza”, datado em 8 de abril de 1840, inicia com um diálogo entre Netto e Garibaldi, onde o corsário se diz inspirado pelos farrapos para uma causa futura, a unificação da Itália como uma república. Segue-se uma passagem emblemática na recriação do Rio Grande do passado, quando Netto e o capitão Teixeira Nunes, o *Gavião*, comandante dos lanceiros negros do exército republicano. Chegando a uma fazenda procurando por cavalos, foram recebidos pela dona e sua nora, armadas, e inquirindo fortemente sobre a procedência dos estranhos; essas mulheres representam muito bem uma realidade onde a ausência dos homens da casa, elas assumiam os negócios e a segurança dos lares. Na sequência, quando as pessoas se dão a conhecer, também fica muito claro quão reduzidas eram as gentes desta elite estancieira, onde as poucas famílias sabem perfeitamente quem são os demais membros de sua classe social, de onde vieram e onde se localizam. Netto e *Gavião* são reconhecidos pelo jovem escravo Milonga, que os idolatra como protetores dos escravos e fiadores de sua futura liberdade: a luta dos Farrapos se identifica aqui com a liberdade dos cativos. Na volta para o acampamento, foram atacados por cinco charruas, sendo salvos pelos certos tiros de Milonga que os

seguia secretamente.

Nesta passagem há anacronismos importantes. Na época as armas de fogo eram ainda precárias e muito raras. O chefe dos agressores levava um revólver, arma que foi inventada por Samuel Colt em 1835, mas que entrou em uso apenas em 1847. Já o primeiro fuzil moderno de agulha foi criado pelo alemão Dreyse em 1836; seu modelo comercializado de 1841 só foi usado no Prata nas Guerras de Oribe e Rosas, de 1851-1852. Por sua vez Milonga tem um rifle de repetição, o que só seria inventado por Henry em 1860. Enfim no acampamento, enquanto os oficiais tratam de um ataque concertado entre diversos corpos do exército republicano aos legalistas alojados no morro da Fortaleza, Milonga se incorpora aos Lanceiros Negros, conhecendo o lendário sargento Caldeira.

Aqui o autor descreve as blusas vermelhas dos uniformes dos cavalarianos, salientando que Garibaldi as usaria nas campanhas da Itália, formando as brigadas *camicie rosse*. Esta possibilidade foi recentemente retomada por Carta (2013). Cor simbólica da Revolução Francesa, o vermelho foi usado por Artigas em sua bandeira, nos anos 1830 foi adotado como obrigatório pelo *Partido Federal* de Rosas e, em 1835, Rivera criava o *Partido Colorado*, obviamente com insígnias vermelhas. Os farroupilhas o adotaram em lenços e camisas, além da faixa transversal na bandeira da República Rio-Grandense

O terceiro capítulo é “Dorsal das Encantadas”, passado em 11 de setembro de 1836. É o mais curto dos capítulos, apesar de narrar a proeza mais conhecida da Netto: a proclamação da República Rio-Grandense, após a Batalha do Seival, ganha pela sua carga de cavalaria ligeira de lanceiros. Nessa passagem, ele reflete sobre a hiperbólica frase de Ricardo III na peça homônima de Shakespeare: “*Um cavalo! Um cavalo! Meu reino por um cavalo!*” Uma vez mais Ruas atribuiu ao general um conhecimento literário inverossímil numa elite rural como a rio-grandense; se na citação a Dante o general já era um homem maduro; no presente ela recorda uma leitura do dramaturgo inglês com meros 32 anos, metade deles vividos em campos de batalha!

Mais adiante entretém uma longa conversa com Lucas de Oliveira, que trata de convencê-lo à secessão da província, mesmo na ausência de Bento Gonçalves. Netto mostra-se prudente, mesmo sabendo-se apoiado por outros chefes, reconhecendo a grande disparidade de poder comparando suas forças com as do Império do Brasil. Uma vez mais uma nota da erudição literária de Netto ainda jovem, comparando a província com Lilliput, das *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, que lhe havia sido presenteado pelo mesmo Lucas de Oliveira! Mas a decisão de “fundar um país” só é tomada após um diálogo com Caldeira. O sargento, com muitos outros escravos, fugira para a mítica Serra das Encantadas; viera com os demais compor a cavalaria dos negros por acreditar num novo país que Netto podia criar.

Esse otimismo já fora totalmente destruído em 2 de março de 1845, dias após o acordo de paz com o Império. Em “Último Verão do Continente” a questão social aparece com um dos pontos mais altos do livro. No que diz respeito a uns e outros, o acordo, que

preservou a condição social dos estancieiros, além de garantir seus postos no exército imperial, não resultou em vantagens para os cativos que haviam sido alforriados para incorporarem-se às hostes rebeldes. Soldados negros, entre eles Milonga, discutem revoltados a promessa não cumprida de garantir-lhes a liberdade, e planejam fugir para a Serra das Encantadas; debalde o sargento Caldeira tenta explicar a inutilidade de ir contra a situação em que os chefes farrapos precisavam assinar a paz. Em conversa com o legalista Osório, o próprio Netto comenta que os negros foram os mais prejudicados pela guerra, e que se retirará para o Uruguai com duzentos seguidores. No final do capítulo ele é afrontado por Milonga que, cobrando também a morte do “Gavião” Teixeira Nunes, tenta matar o general usando um revólver, anacrônico e, mais surpreendente ainda, nas mãos de um lanceiro negro! Caldeira, na defesa de Netto, mata o “negrinho burro”

“Piedra Sola”, passado em 25 de junho de 1861, mostra a vida do general no exílio uruguaio. Netto, no início do capítulo; sem inimigos com quem guerrear, passa seu ócio caçando um jaguar; desta feita usa um rifle Winchester de repetição em mais um anacronismo, pois esta arma só foi colocada no mercado em 1866! A imponência da fortaleza que construiu na estância de *Piedra Sola* representa tanto o poder econômico de Netto, quanto a condição do caudilho que já enfrenta novos inimigos. O general segue amante das letras, cochilando à beira do fogo com um exemplar de *A Divina Pastora*, o segundo romance escrito no Brasil, obra de Caldre e Fião de 1847 (CALDRE E FIÃO, 1992). É mais um anacronismo, pois a primeira edição deste livro desapareceu misteriosamente, e só foi encontrado um exemplar em 1992. Por óbvio, não gosta do livro, lembrando uma vez mais as *Viagens de Gulliver* e a sua Lilliput! A República, outra vez?

Netto divaga sobre o primeiro encontro que tivera com Maria Escayola numa livraria de Montevideu, onde o general adquiria romances franceses; ele já tivera leituras em italiano e em inglês, sobre as quais trocara ideias com dois parceiros das guerras civis. Leituras muito improváveis para esses tempos, a não ser por elites muito ilustradas, só encontradas nos centros urbanos mais cosmopolitas. Dias depois, em casa do pai de Maria, Netto tem uma conversa tensa com o embaixador inglês Thornton, onde é discutida a situação política do Rio da Prata e a insatisfação britânica com o Paraguai de Solano López. Netto não aceita os poderes discricionários do ditador, mas nega a qualificação de barbárie; estende sua contrariedade a reis e imperadores, e mesmo aos caudilhos quando é deles lembrado pelo embaixador. Mais tarde acontece o encontro romântico entre Netto e a Maria, ele com 57 e ela com 38 anos. Ao final do capítulo, a futura esposa, com quem teria duas filhas, adivinha a proximidade de um novo conflito armado.

Novamente “Corrientes”, o ato final passado na madrugada de 1º de julho de 1866. Primeiro o major Ramirez, a quem Caldeira atribui toda a sorte de crimes de guerra que ficaram impunes: ele é simplesmente sufocado. Netto mantém um interessante diálogo com o sargento Caldeira enquanto veste o uniforme completo: primeiro justifica que um oficial deve estar sempre bem apresentado, acrescentando que isto lhe permitiu uma

entrevista com o Imperador sem descobrir-se, porque um militar fardado só se obriga a tirar o chapéu para as damas. Relatou ainda a Caldeira que, a uma menção de Pedro II sobre a belicosidade dos rio-grandenses, teria respondido que ela não era natural, mas consequência de duzentos anos de guerra na fronteira, e que para garantir o gosto pelas belas artes da Corte, que lembrava Atenas, era necessária a presença de Esparta. Mais uma vez aparece uma veia literária que é apreciada pelo próprio Caldeira, como um “floreio” de linguagem. O odioso cirurgião Fontainebleau foi degolado pelo sargento com o mesmo escalpelo sujo que mutilara o falecido capitão De los Santos.

Finalmente a fuga para a beira do rio. Lá esperava Caronte com sua barca! E então a revelação de Caldeira de que já cruzara esse rio, morto que fora em *Tuyuty*, no mesmo combate onde se ferira o general. A travessia, portanto, era dele só, que se apresentou ao barqueiro apenas com o nome Antônio.

#### 4 | DE VOLTA AOS ATOS, FATOS E FICÇÕES

O livro recebeu algumas críticas que o apontaram como mais uma apologia do passado rio-grandense, que me parecem inadequadas. O único momento em que se mostra épico é na proclamação da República Rio-Grandense, que foi uma bravata ao estilo provocativo de Netto, incentivado por Lucas de Oliveira e outros republicanos mais radicais. Sequer as poucas cenas de combate são portentosas; ao contrário, mostram os sofrimentos, as dores e as sujeiras dos campos de batalha. É certo que Netto não era um abolicionista, mas tentou preservar os cativos que haviam servido nas tropas farroupilhas, e seu amigo Teixeira Nunes comandou os lanceiros negros, e com eles foi morto na guerra. É um tanto pouco inverossímil o grau de “instrução” de Caldeira, capaz de ler cartas rebuscadas de Garibaldi e Almeida, e de compreender as metáforas do general, numa época em que o analfabetismo era a regra.

A empatia de Netto com seus comandados era aquela comum aos caudilhos do Prata, que faziam dos seus peões as milícias pessoais. É significativo que em nenhum momento do livro Netto se refira a si ou aos seus companheiros de armas como “gaúchos”, um anacronismo tão comum em obras do gênero. Por outro lado, a presença de negros libertos era uma usança desde a invasão luso-brasileira da Banda Oriental em 1811, e o serviço militar foi desde então uma estratégia para fugir da escravidão, e o filme mostra com propriedade a grande presença de negros nas tropas farroupilhas e, por outro lado, também contempla a frustração e o desespero destes homens, que ao final da luta não obtiveram a liberdade esperada.

Em se tratando de uma sociedade pastoril e guerreira, e portanto muito masculina, as mulheres aparecem secundariamente, mas são apresentadas em três situações muito distintas: gerindo os negócios das estâncias, abandonadas pelos maridos e filhos que se incorporavam aos exércitos; acompanhando as tropas, como “vivandeiras” ou “chinas de

soldado”, o que foi uma realidade peculiar ao espaço platino; e uma rara presença de intelectual urbana, pacifista e crítica mordaz da sociedade de então, onde os interesses econômicos e políticos destas elites masculinas se sobrepujam a quaisquer projetos de uma melhor qualidade de vida para todos.

Tabajara Ruas é mais um dos tantos escritores rio-grandenses oriundos da fronteira, e dela fez cenário para vários dos seus livros. Além de *Netto Perde sua Alma*, a Guerra dos Farrapos foi tema do já citado *Os Varões Assinalados*. Ambientado em sua Uruguiana, em 1990 publicou por primeira vez *Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez* (2003), sobre um contrabandista de fronteira, e em 1997, com a parceria do jornalista Elmar Bones produziu *A Cabeça de Gumercindo Saraiva*, uma biografia do caudilho *maragato* da Revolução de 1893. A temática, portanto, é familiar para o autor. O romance se fundamenta em uma ou mais versões da história, e o faz apropriadamente, sem “erros históricos” visíveis. Assim, parece muito raçoso alguns historiadores discutirem aspectos que são polêmicos na historiografia dentro de uma obra ficcional, sempre atrás de uma “verdade” que se renova a cada investigação.

Apontei anacronismos que presumi em relação às leituras de Netto e seus camaradas de armas: ele aparece como um poliglota capaz de ler francês, inglês e italiano, e debate as obras com alguns camaradas, o que é muito inverossímil, mas é impossível confirmar esta impressão. Mais séria me parece a questão de armamentos modernos, pois destes pode-se averiguar com certeza quando foram inventados e colocados em uso. Mas reitero que estas observações não retiram as qualidades literárias do romance.

Em outra oportunidade escrevi um texto sobre o filme “Netto Perde Sua Alma” (GUAZZELLI, 2003) onde considerei que a alma de Netto permanecia extraviada pela campanha rio-grandense e oriental, quem sabe com alguns passeios pelos pântanos e rios do Paraguai. A palavra escrita ainda me “fala” – e também “cala”, no sentido de a(pro)fundar – melhor que as imagens em movimento, talvez porque posso voltar a elas, relê-las vezes sem conta... Quem sabe se por isto – e tendo passado treze anos daquela primeira chegada à história de Netto contada por Tabajara Ruas – eu cheguei a uma outra conclusão que, atrevidamente, contraria o próprio autor: penso hoje que Netto passou a vida procurando onde afinal havia se escondido sua alma! Morto, Netto atravessou o rio numa barca solitária, conduzido, quem sabe, pelo Caronte mitológico. Para o mundo das sombras, onde estão as almas penadas? Para pensar, no mais...

## REFERÊNCIAS

**ANAIIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL** (Volume 12). NETO, Antônio de Souza (CV-6063 a CV-6177). Porto Alegre: CORAG, 1988, p. 11-92.

\_\_\_\_\_. (Volume 13). NETO, Antônio de Souza (CV-6178 a CV-6400). Porto Alegre: CORAG, 2004, p. 13-166.

BONES, Elmar. Em Busca do General. In: RUAS, Tabajara. **Netto Perde Sua Alma**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 17-38.

CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

GUAZZELLI, Cesar A. B. A Alma Extraviada de Netto. São Paulo: **CELPCYRO** (on-line), São Paulo: v. n.º 9, maio 2003.

\_\_\_\_\_. Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança. **Topoi**. Rio de Janeiro (RJ): v. 10, 2009, p. 70-89.

\_\_\_\_\_. **O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata**. Porto Alegre: Linus, 2013.

\_\_\_\_\_. Entre a Província e o Império: as andanças de Antônio de Souza Neto e David Canabarro na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1865). In: ROMANI, Carlo et al. **Fronteiras e Territorialidades. Miradas sul-americanas da Amazônia à Patagônia**. Brasília: CAPES, 2019, p. 203-220.

MENEGAT, Carla. Projetos de fronteira e de nação: o jogo de relações políticas imbricadas nas relações Brasil-Uruguaí (1830-1851). In: ROMANI, Carlo op. cit. p. 221-238.

**NETTO PERDE SUA ALMA**. Direção: Tabajara Ruas e Beto Silva. Produção: Tabajara Ruas. Porto Alegre (Brasil). Europa, 2001, 1 DVD.

RUAS, Tabajara. **Netto Perde Sua Alma**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Varões Assinalados**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. **Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

**JOÃO HENRIQUE LÚCIO DE SOUZA** - Doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (PROFSOCIO/CDSA/UFCG). Possui Especialização em Programação de Ensino de História pela Universidade de Pernambuco (UPE), Especialização em Ensino de Sociologia pela Universidade de Pernambuco (UPE), Graduação em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA). Foi professor da AUTARQUIA DE ENSINO SUPERIOR DE ARCOVERDE, no curso de Licenciatura em História. Atualmente é professor da ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO OLAVO BILAC e tutor presencial do curso de História oferecido pela Universidade de Pernambuco (UPE) através da Universidade Aberta do Brasil (UAB), é integrante do grupo de pesquisa “Produção do espaço, metropolização e relação rural-urbano” que tem por objetivo discutir e compreender a lógica de produção e reprodução do espaço partindo do entendimento do processo de metropolização e as novas configurações das relações entre o rural e o urbano. E do grupo de pesquisa “Formação de Professores e Ensino de Sociologia: trajetórias sociais e os dilemas da docência diante da precarização do trabalho semiárido brasileiro” que tem por objetivo desenvolver estudos e pesquisas sobre o ensino de sociologia, tendo interlocução central com a sociologia do ensino e a sociologia da educação, porém sem perder de vista as contribuições da antropologia, pedagogia e psicologia. É autor de diversos artigos e capítulos de livros, tem experiência na área de História com ênfase em História Regional do Brasil, Cultura, Patrimônio e Memória, Sociologia com ênfase em Ensino de Sociologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8150274369354740>. ORCID: 0000-0003-2891-7315

**A**

Afro-Americana 38, 39, 42, 44

Antiguidade 62, 65, 72

Antiguidade tardia 62, 65

**B**

Blues 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Bourdieu 8, 31, 36

Brasil 5, 8, 22, 36, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87

**C**

Caudilhos 76, 83, 84, 86

Civilização romana 62, 66

Continuidade 49, 62, 63, 66, 69, 72, 73

Cristianismo 62, 65, 69, 70, 72, 73

Cultura escolar 12

Cultura feminina 38

**D**

Desconfinamento 24, 26, 27, 29

Desigualdade de gênero 38, 39

Distanciamento 12, 13, 36

Durkheim 5, 6, 7, 11

**E**

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 50, 61, 87

Educação infantil 3, 6, 24, 26, 27, 33

Embalsamento 71

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 87

Ensino remoto 24, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35

Escola privada 26, 28, 30, 31, 32, 33

Escola pública 3, 6, 8, 12, 13, 16, 17, 21, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35

Estado 3, 8, 13, 18, 21, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 70, 77, 78, 79, 80



**F**

Farrapos 76, 77, 78, 79, 81, 83, 85

Ficção 76, 77, 80

Formação 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 35, 38, 39, 46, 49, 51, 52, 56, 57, 58, 65, 70, 76, 77, 87

Formação escolar 12, 19

Fronteira 76, 79, 84, 85, 86

**G**

Guerra 58, 61, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86

**H**

Habitus 1, 2, 8

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 46, 49, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 74, 75, 76, 77, 85, 87

Historiografia 5, 85

**I**

Idade Média 6, 62, 65, 69, 72, 73

**L**

Loucura 46, 47

**M**

Memória social 12

Música 4, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

**N**

Nação 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 86

Narrativa 1, 52, 55, 56, 58, 71, 77, 80

**O**

Osmologia 62, 69, 70

**P**

Pandemia 13, 24, 25, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 57

Paulo Freire 1, 2, 4, 7, 10, 22, 36

Povo 5, 40, 41, 43, 49, 78

Povos Bárbaros 62

Progenitores 12, 13, 14, 15, 16, 17

**R**

Racismo 12, 18, 19, 21, 39, 44, 58

Raíces 41, 47, 49, 50, 52, 56, 57, 58, 61, 62, 65

**T**

Tempo presente 25, 46, 56, 57

Testemunho de vida 1, 2

# *Sentidos e sujeitos:*

Elementos que dão consistência  
à história 3



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora

Ano 2023

# *Sentidos e sujeitos:*

Elementos que dão consistência  
à história 3



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2023